



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS PENEDO**  
**CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM MEIO AMBIENTE**

KAMYLY TEREZA DA SILVA SANTOS  
LIDRIELLY KARINE DOS SANTOS CASTRO

**A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CAMPONESA NA FEIRA LIVRE DA  
CIDADE DE PENEDO (AL)**

PENEDO – AL

2022

KAMYLY TEREZA DA SILVA SANTOS  
LIDRIELLY KARINE DOS SANTOS CASTRO

**A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CAMPONESA NA FEIRA LIVRE DA  
CIDADE DE PENEDO (AL)**

Monografia ao Instituto Federal de Alagoas  
como requisito parcial para obtenção do  
Título de Técnicas em Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Me. Carlos Marcelo  
Maciel Gomes.

PENEDO – AL

2022



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Campus Penedo**  
**Biblioteca**

---

S237c

Santos, Kamyly Tereza da Silva.

A comercialização da produção camponesa na feira livre da cidade de Penedo (AL) / Kamyly Tereza da Silva Santos, Lidrielly Karine dos Santos Castro.

37f. : il.

Orientação: Prof. Carlos Marcelo Marciel Gomes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico de Nível Médio Integrado em Meio Ambiente) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, Penedo, 2022.

Trabalho acadêmico em versão digital.

1. Feira Livre – Penedo, AL. 2. Agricultura familiar. 3. Alimentos - Produção. I. Castro, Lidrielly Karine dos Santos. II. Gomes, Carlos Marcelo Marciel. III. Título.

CDD: 381.18

---

**Maria Luzia Alexandre de Oliveira**  
**Bibliotecária/Documentalista**  
**CRB-4/2159**

KAMYLY TEREZA DA SILVA SANTOS  
LIDRIELLY KARINE DOS SANTOS CASTRO

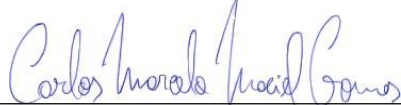
**A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CAMPONESA NA FEIRA LIVRE DA  
CIDADE DE PENEDO (AL)**

Monografia ao Instituto Federal de Alagoas  
como requisito parcial para obtenção do  
Título de Técnicas em Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Me. Carlos Marcelo Maciel  
Gomes.

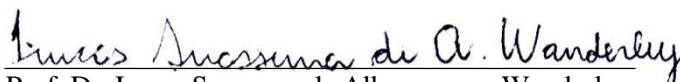
Aprovada (s) em: 01 / 07 /2022

**BANCA EXAMINADORA**




---

Prof. Me. Carlos Marcelo Maciel Gomes  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL



---

Prof. Dr. Lucas Suassuna de Albuquerque Wanderley  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL



---

Profa. Ma. Maíra Egito Alves de Lima  
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

“O capital é produto de uma relação social baseada na troca desigual entre proprietários distintos”.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao nosso grandioso Deus por sempre nos encorajar a sair de nossa zona de conforto e que sempre demonstrou cuidado para com suas filhas nesta caminhada árdua, por mais de quatro anos para a finalização do curso. Em que, desde do início da caminhada de cada uma, preparou uma jornada que sempre esteve presente nas pequenas e grandes batalhas.

Agradecemos ao nosso orientador Carlos Marcelo Maciel Gomes, que é um excelente professor e orientador, que nunca mediu esforços para nos ajudar com esta pesquisa e que nos auxiliou por mais de um ano de estudo. Sempre acatando nossas ideias e melhorando-as com seu conhecimento extraordinário, e que assente disso, pudéssemos terminar como grandes profissionais da área. Os nossos mais sinceros agradecimentos por ter nos guiado tão bem!

Agradecemos em especial as nossas mães, Maria Ledice da Silva Santos e Kátia dos Santos Castro, que são exemplos de mulheres virtuosas que lutaram e lutam incondicionalmente dia pós dia para garantir nossos estudos, e que diversas vezes sacrificaram seus sonhos em favor dos nossos, a vocês devemos tudo! Aos nossos pais, Manoel Carlos dos Santos e Gicelmo Meneses de Castro, que foram essenciais em nossa jornada e vibraram com nossas conquistas.

A todos nossos familiares, gratidão. Principalmente aos nossos irmãos, que foram sinal do companheirismo de Deus em nossas vidas nos momentos mais difíceis, que mesmo diante de todas as brigas existentes, sempre sabíamos que poderíamos contar com eles. Que em meio a escrita da pesquisa interrompia-nos em busca de algo ou de conversa, e descontávamos com estresse e ainda assim, nos suportavam.

Agradecemos a todos aqueles que participaram dessa jornada, em especial nossas amigas e colegas de turma Bruna Moreira e Hellen Laryssa, que tornaram uma caminhada mais leve em meio as dificuldades, que compartilharam dos risos e dos choros que o IFAL pôde nos proporcionar. Nos encontraremos em um futuro breve, mas com nossos objetivos alcançados!

Ao namorado de Kamyly, Jandersson Nascimento, que esteve presente em seus surtos de preocupações e por ter sido tão companheiro e paciente, sempre à entusiasmando suavizando as preocupações. Aos seus queridos sobrinhos, Max Gabryell e Karllos Davy, que cada um com sua leveza e seus entusiasmos puderam deixar dias mais felizes, que foram e são presença excepcional em sua jornada. A sua prima-irmã Elen Vitória, que caminhou todos esses anos junto a ela, e sempre à apoiou em seus objetivos e sonhos, sendo sinal de companheirismo. A

seu irmão Carlos Levi e sua esposa Andreza Matias por todo auxílio. E principalmente, a sua irmã Kallyny, que não se encontra mais presente nessa terra, e que sempre estava em seu coração fortalecendo e sonhando junto, que fez e faz parte da sua história e que foi a principal impulsionadora do seu ser social de hoje. Gratidão a todos!

As primas de Lidrielly, Raquel Nunes, Rute Nunes e Rayane Nunes, que foram presença de valor estimado em sua vida, desde seu nascimento, que esteve presente com ela em sua infância e a ajudou a tornar-se a mulher que é hoje. Ao seu querido e amado primo Pedro Arthur, que com sua inocência e leveza tornou seus dias mais felizes. A eles todo meu agradecimento!

E por fim, agradecemos a todos que fazem o Instituto Federal de Alagoas – Campus Penedo, que lutam diariamente para formarem excelentes pessoas e profissionais. Sem essa experiência não poderíamos ter tido o acesso à educação e aos meios curriculares e extracurriculares que somente o IFAL nos proporciona. Por mais que seja difícil a jornada, continuem lutando para transformarem vidas, como transformaram as nossas, a vocês nosso muito obrigada!

## RESUMO

A feira livre da cidade de Penedo (AL) possui grande importância econômica, social e ambiental e se insere na relação campo-cidade. Nesse viés, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a dinâmica produtiva das feiras livres da cidade de Penedo-AL: observando a importância da agricultura familiar para a feira livre e também na economia da cidade, como meio sustentável de produção; analisando a cidade de Penedo-AL como potência para produzir seus próprios produtos alimentares; e, por fim, identificando os principais sujeitos e os locais de origem dos produtos. A metodologia utilizada foi através de leituras, orientações, fichamentos, aplicação de questionário, registro fotográfico e produção cartográfica. Dessa maneira, através da pesquisa foi possível mapear a origem dos produtos, sendo a maioria fora do município de Penedo, e afirmar a feira livre como um local de resistência em relação às grandes lógicas de produções e lógicas do agronegócio, possuindo a maioria dos produtos comercializados feitos por pequenos produtores na lógica camponesa.

Palavra-chave: Feira Livre. Produção Familiar Camponesa. Produção de Alimentos.

## ***ABSTRACT***

The open market in the city of Penedo (AL) has great economic, social and environmental importance and is part of the countryside-city relationship. In this bias, the general objective of the research is to analyze the productive dynamics of the open markets in the city of Penedo-AL: observing the importance of family farming for the open market and also in the city's economy, as a sustainable means of production; analyzing the city of Penedo-AL as a power to produce its own food products; and, finally, identifying the main subjects and places of origin of the products. The methodology used was through readings, guidelines, records, application of a questionnaire, photographic records and cartographic production. In this way, through the research it was possible to map the origin of the products, most of them outside the municipality of Penedo, and to affirm the open market as a place of resistance in relation to the great logistics of productions and logics of agribusiness, having most of the products marketed made by small producers in the peasant logic.

Keyword: Free Fair. Peasant Family Production. Food production.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Entrada onde acontece a principal feira da cidade .....	25
Figura 02 Feira Livre do “Comércio” .....	26
Figura 03 Feira Livre do "Barro Duro" .....	26
Figura 04 Feira da “Agricultura Familiar” no Bairro da Cohab .....	27
Figura 05 Principais produtos que são vendidos nas Feiras Livres .....	28
Figura 06 Origem da maioria dos produtos vendidos nas Feiras .....	29
Figura 07 Origem territorial dos produtos comercializados.....	29
Figura 08 Quantitativo de feirantes que são ou não produtores .....	30
Figura 09 Principais localidades da origem dos produtos comercializados.....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 OBJETIVOS .....	13
1.2 METODOLOGIA .....	13
1.3 DESAFIOS QUE SURGIRAM .....	14
<b>2 A ORIGEM DA FEIRA LIVRE SOB O CONTEXTO HISTÓRICO ATÉ O COMÉRCIO CONTEMPORÂNEO</b> .....	14
<b>3 A RELAÇÃO DA FEIRA LIVRE COM A LÓGICA CAPITALISTA E A LÓGICA CAMPONESA</b> .....	17
3.1 A LÓGICA CAPITALISTA SOB O ASPECTO DE PRODUÇÃO DO AGRONEGÓCIO .....	17
3.2 A LÓGICA CAMPONESA DE PRODUÇÃO .....	21
<b>4 FEIRA LIVRE: TERRITORIALIDADE BRASILEIRA</b> .....	23
<b>5 AS FEIRAS LIVRES NA CIDADE DE PENEDO</b> .....	24
5.1 FEIRA DO “COMÉRCIO” .....	25
5.2 “FEIRINHA DO BARRO DURO” .....	26
5.3 FEIRADA “AGRICULTURA FAMILIAR” .....	27
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES OBTIDOS ATRAVÉS DA PESQUISA</b> .....	28
<b>7 O CAMPONÊS E O CONVÍVIO COM O MEIO AMBIENTE</b> .....	31
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
REFERÊNCIAS .....	35
APÊNDICE .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

O entendimento acerca das feiras livres se dá em virtude da compreensão de que são instituições que possuem uma forma de resistência, uma vez que, por serem consideradas um fenômeno primitivo e espontâneo, atualmente, podem ser apontadas como uma forma comercial arcaica para o mundo moderno. Entretanto, apesar de disporem dessa imagem, as feiras livres destacam-se por serem importantes entrepostos comerciais e centros de desenvolvimento urbano e social. Assim, “o comércio, seja o dito tradicional, seja o moderno, traduz para nós as transformações urbanas tanto em sua dimensão física quanto na dimensão social e cultural” (FREIRE, 2010, p.13).

A partir disso, os feirantes que comercializam seus produtos advindos da agricultura camponesa fazem com que seja gerada uma relação de interação entre produtor e consumidor. Sob essa perspectiva, Nascimento (1999 *apud* Coutinho *et al*, 2006) alega que essa mesma interação corrobora a dinâmica da relação campo-cidade, uma vez que esses produtos são dispostos para o consumo nas cidades.

Nesse sentido, é notório, também, que não são apenas os agricultores que estão presentes nas feiras livres, encontra-se nessas instituições intermediários que comercializam produtos de outras localidades a fim de obter o seu sustento. De acordo com Coutinho *et al* (2006) a grande variedade alimentícia e os preços reduzido consistem nos grandes atrativos para que as feiras possuam muitos consumidores. Sob essa ótica, apesar de existirem diferentes tipos de compradores que possuem possibilidades de compras distintas, para os consumidores que estão nas camadas sociais de baixa renda, reforça-se a importância das feiras livres, tanto pelas questões de preços baixos e, também, pela facilidade de acesso a esses produtos.

Os autores frisam ainda, que quanto menor for o município onde as feiras livres estão localizadas, maior será sua importância para o desenvolvimento das cidades, visto que asseguram a comercialização dos produtos advindos do campo e por outros intermediários e, conseqüentemente, favorece outros setores da economia.

Ressalta-se ainda, que a instituição feira livre destaca-se como uma fonte de sobrevivência para os feirantes. Segundo Vieira (2004 *apud* Coutinho *et al*, 2006) para diversos sujeitos, comercializar nas feiras é sua única fonte de renda. Para outros autores, como Dolnazi e Jesus (2004 *apud* Coutinho *et al*, 2006) argumentam que as feiras possibilitam a sobrevivência daqueles que estão à margem da sociedade contemporânea e, portanto, do processo modernizador.

Como visto, a feira livre é um espaço para comercialização de produtos que está presente na vida dos cidadãos em diferentes aspectos. Com isso, observou-se uma lacuna existente na realidade das feiras livres da cidade de Penedo (Alagoas) e dos produtos comercializados que não são produzidos na cidade ribeirinha. A esse respeito, notou-se uma viabilidade de elaborar uma pesquisa para analisar tais dados e usá-los como tema do trabalho de conclusão de curso. Enfatizando a importância da agricultura familiar para a economia da cidade e para uma melhor preservação do meio ambiente, visto que, o uso do agronegócio requer uma produção complexa o que, conseqüentemente, ocasiona danos ao meio ambiente.

À vista disso, a pesquisa visa contribuir para a atual situação do município em favor da dinâmica produtiva geográfica, buscando compreender a relação campo-cidade, seja através da lógica camponesa ou do agronegócio. Busca, ainda, entender a organização agrícola e a infraestrutura da produção das mercadorias comercializadas. Assim, a pesquisa contribui também para as questões ambientais e agrárias sobre a produção de alimentos existentes no Brasil contemporâneo.

Dessa maneira, este trabalho está dividido em 7 capítulos, os quais têm por finalidade conduzir os leitores sobre o início das feiras livres até a contemporaneidade, bem como se dá as formas de produções atualmente. Nesse tocante, o primeiro capítulo aborda as feiras livres sob seu aspecto histórico e como elas se perpetuaram na contemporaneidade. Já o segundo capítulo discute a instituição com a relação da lógica capitalista (D-M-D'<sup>1</sup>) e a lógica camponesa (M-D-M<sup>2</sup>). O terceiro capítulo trata-se do início das feiras livres na época colonial no território brasileiro, ou seja, como essa instituição se formou a partir das formas de escambo indígena. O quarto capítulo retrata o surgimento das feiras livres na cidade de Penedo-AL. Posteriormente, o quinto capítulo apresenta as feiras livres em funcionamento em Penedo-AL, identificando-as. O sexto capítulo trata-se dos resultados obtidos através da pesquisa realizada com os feirantes do município, além do mapeamento de quais localidades os produtos são oriundos. E por fim, o sétimo capítulo e o último capítulo discorre acerca do camponês e sua forma de convívio com o meio ambiente, trazendo ainda, uma reflexão da herança de saberes do campesinato.

Assim, ressalta-se ainda que, o trabalho de conclusão de curso (TCC), foi desenvolvido a partir de uma pesquisa intitulada “A produção de alimentos em Penedo (AL) a partir da feira

---

<sup>1</sup> D-M-D': dinheiro-mercadoria-dinheiro'

<sup>2</sup> M-D-M: mercadoria-dinheiro-mercadoria.

livre: a dinâmica agrícola sob a relação campo-cidade” que permitirá que outras pesquisas possam investigar as problemáticas identificadas no presente estudo.

## **1.1 OBJETIVOS**

O objetivo geral consiste em analisar a dinâmica produtiva das feiras livres da cidade de Penedo-AL.

Objetivos específicos:

1. Observar a importância da agricultura familiar para a feira livre e, também, na economia da cidade, como meio sustentável de produção;
2. Analisar a cidade de Penedo como potência para produzir seus próprios produtos;
3. Identificar os principais sujeitos e locais produzidos;

## **1.2 METODOLOGIA**

Em primeiro plano, foram feitos estudos sobre diversos parâmetros que estão ligados a feira livre, bem como o surgimento, o modo de produção e os aspectos socioculturais. Sob essa tocante, sucederam-se de pesquisas acadêmicas, artigos, aulas com o orientador e livros sobre a feira livre, analisando-os e compreendendo-os. Outras temáticas tais como questões agrícola e agrária, a relação campo-cidade e a dinâmica produtiva também foram realizadas na pesquisa.

Ademais, a segunda etapa do estudo realizou uma pesquisa quantitativa-qualitativa, partindo de um questionário (apêndice 1) estruturado realizado com 24 feirantes das diversas feiras da cidade de Penedo-AL, tais como a do “Comércio”, do “Barro Duro” e a feira da agricultura familiar. A escolha de cada feirante deu-se de forma aleatória, ocorrendo de acordo com a disponibilidade e quantidade de pessoas que estavam em suas bancas. Todos os entrevistados durante a pesquisa estavam cientes para com o que seria utilizado suas respostas, assinando um termo de concessão.

Por conseguinte, observou-se onde os produtos comercializados nas diversas feiras são produzidos e, se são oriundos de cooperativas, produção individual, produção familiar e entre

outros parâmetros. Dessa forma, a partir dos dados obtidos através do questionário, foram feitos gráficos e um mapeamento das mercadorias, sendo possível analisar de forma mais coesa todos os dados.

### **1.3 OS DESAFIOS QUE SURGIRAM**

O conjunto da pesquisa obteve dificuldades perante a pandemia da COVID-19, que perdura por mais de dois anos. A interrupção das diversas atividades presenciais impôs uma série de desafios que jamais tinham sido vistos pelas autoras. O afastamento das atividades acadêmicas presenciais e, sobretudo, a suspensão da feira livre foram problemas que surgiram durante a pesquisa e dificultaram o transcorrer. A aplicação do questionário era de grande relevância para o trabalho, mas sem feira não tínhamos a quem aplicá-lo, e foi-se esperado meses até o retorno gradual da feira e a aplicação das duas doses da vacina contra o vírus para irmos fazer a pesquisa de campo. Não foi possível também, encontrar com nosso orientador pessoalmente para discussão do tema e dúvidas que surgiam, visto que, a circulação do vírus continuava. Impasses como esses complexificaram o andamento da pesquisa, todavia, não foram capazes de diminuir a dedicação para a realização do estudo.

## **2 A ORIGEM DA FEIRA LIVRE SOB O CONTEXTO HISTÓRICO ATÉ O COMÉRCIO CONTEMPORÂNEO**

As feiras livres são mercados populares a céu aberto, onde não servem apenas para a transação de dinheiro, uma vez que funcionam também como espaços de socialização. O termo “feira” tem origem da “[...] palavra latina ‘feria’ – ‘dia de festa’ – e é comumente utilizado para designar um lugar público, muitas vezes descobertos, onde se expõem e vendem-se mercadorias” (DANTAS, 2007, p. 24).

É indispensável frisar que, inicialmente, eram denominadas feiras de troca pois estavam baseadas no sistema feudal, isto é, a troca era realizada entre mercadorias (escambo). Contudo, com o aumento dos excedentes, os produtos deixaram de ser trocados por outros produtos e passaram a dar-se entre mercadorias e dinheiro. Como efeito, teve-se o surgimento da moeda (o dinheiro como equivalente geral de mercadorias) para facilitar a comercialização

do excedente, representando um notável avanço na história e os mais variados produtos podiam ficar expostos à venda e, assim, foi-se desenvolvida à distribuição dos produtos. Além disso, era necessário um meio de troca universal e oficialmente reconhecido para que as trocas de todas as mercadorias fossem realizadas e, segundo Luxemburgo (1969 *apud* Andrade, 2011) seria o único produto diretamente social, porque sempre será trocado. Neste sentido, a moeda (dinheiro) se torna fundamental na troca comercial na feira livre.

Segundo Dantas (2008) as feiras livres tiveram origem na Idade Média para a Idade Moderna, pois foi nesse período que houve a intensificação das atividades comerciais, de tal forma, que foram fundamentais para o comércio naquele momento e a construção de cidades.

A relação humana com a instituição feira livre existe há muito tempo, pois o processo de produção de subsistência e de troca de mercadoria, o escambo, entre os povos, predominou na história, pois as sociedades produzem bens para satisfazer suas necessidades essenciais. A partir do momento em que o ser humano passou a produzir em excesso, e perceber a necessidade de realizar a prática da permuta, da compra e da venda de produtos, surgiu um primeiro olhar para a feira livre e, principalmente, a relação comercial e econômica (SILVA, 2014, p. 24-25).

O modo de produção pelo qual a sociedade foi condicionada, ocorre através do processo de vida política, social e econômica, logo, “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, 2007). Posto isso, Baggio e Andrade (2007) afirma que a maneira para suprir suas necessidades materiais veio com a produção da criação independente com liberdade de mercado. Posto isto, teremos modos de produções caracterizados pelo feudalismo e o capitalismo, por conseguinte, as relações de produção e distribuição entre produtos eram determinadas por cada modo de produção.

As mudanças que ocorreram na Europa feudal, no século XI, ocasionaram a transição do período feudal para o capitalismo, que se deu com o crescimento do comércio e o renascimento das atividades urbanas, surgindo assim uma nova classe: a burguesia. A princípio, as cidades que estavam situadas próximas aos castelos dos senhores feudais eram conhecidas como burgos, logo, a burguesia seria toda a população que ali residia. Após toda transição, o cenário modificou-se e a atividade comercial foi ressurgindo a partir da realização de feiras na Europa, que impulsionou a produção têxtil e artesanal.

Conseqüentemente, com o novo advento da atividade comercial, no qual os produtos passaram a serem trocados por dinheiro, a lógica de produção autossuficiente foi substituída pela lógica de produção para acumulação de riqueza, característica do capitalismo. Entretanto, de acordo com Freire (2010) a feira no período Feudal não se tratava de um comércio dirigido por preços, onde o ganho e o lucro tinham sua ideia principal, e sim em uma economia baseada na redistribuição e na reciprocidade, ou seja, era um tipo de pré-comércio, que era despreocupado com equivalências entre as coisas trocadas, ou seja, do dinheiro propriamente dito nas trocas.

Dessa forma, o desenvolvimento das feiras livres teve como principal elemento as expansões dos produtos agrícolas produzidos em excesso no período feudal. Logo, a “existência regular de um excedente de produção engendra a troca que, por sua vez, também passa a ser regulada, e sua expansão permite o aparecimento da figura do comerciante, bem como da atividade comercial, aumentando a divisão social do trabalho” (PINTAUDI, 1984, p. 38-39 *apud* Dantas, 2008). Saliente-se que os meios de transportes no período feudal não eram desenvolvidos o suficiente para que as feiras pudessem instalar-se permanentemente, ou seja, eram apenas realizadas uma ou duas vezes por semana (DANTAS, 2008).

De acordo com Dionizio (2012), as feiras obtiveram uma atribuição fundamental para o processo de ocupação territorial urbano e regional. Logo, algumas cidades tiveram as feiras como principal elo de formação histórica e populacional, deixando assim de ser um ato corriqueiro e assumindo um papel de maior visibilidade. Dessa maneira, as feiras livres possibilitaram a reunião de pessoas que buscavam a comercialização de mercadorias, criando centros comerciais locais, que surgiram como resultado de circunstâncias sociais e econômicas, e neste caso a feira foi o intermédio.

Durante a passagem do feudalismo para o capitalismo tivemos diversas mudanças e entre elas a forma de produção. Inicialmente, a cadeia de produção estava voltada a fatos individuais, todavia, com as modificações passam a se tornar uma cadeia de atos sociais, ou seja, a produção passou a basear-se na cadeia do trabalho livre por dinheiro, que iminentemente tem a intenção de valorizar o capital. Assim, neste momento a feira livre deixa de ser categoricamente um lugar de troca entre mercadorias, pois o mercado mundial se consolidou e passou a depender do intermédio do dinheiro, e apesar disso, ela não deixou de existir. Assumindo então um formato diferente, tornando-a dependente do espaço e do tempo, e a depender da formação socioespacial (ANDRADE, 2011, p.27).

As transformações são necessárias devido ao interesse do capital e a feira é um local importante para proporcionar a troca de mercadorias estabelecendo a mediação entre campo e cidade, a qual é alterada na medida em que a divisão do trabalho passa por modificações. Logo, um espaço destinado à troca entre o que é produzido tem que se adequar a dinâmica que esteja predominando no modo de produção (DIONIZIO, 2012, p.89).

Para Rezende (2015) a feira livre também é utilizada como meio de formação humana, ou seja, através do trabalho exercido pelos trabalhadores, não existe apenas a comercialização, compra e venda dos produtos, possui também o aspecto da educação popular, proporcionada pelo contato direto com o feirante e o consumidor na construção de conhecimentos, como afirmado anteriormente enquanto espaço de socialização. Por ser um dos métodos mais antigos em comercialização, as feiras livres em algumas cidades podem possuir características de pontos turísticos, por meio da venda de produtos agrícolas e artesanais, outrossim, adquirem-se similarmente conhecimento cultural. Ademais, as feiras também podem ser atribuídas como um grande valor de importância na construção de saberes pessoais.

Segundo Gouvêa (2014) as feiras livres agregam diferentes culturas que misturam personalidades e diferentes estilos de vidas, sendo assim, tornam-se um espaço de cinesia<sup>3</sup> na qual são praticadas inúmeras dinâmicas em um mesmo espaço social. Posto isso, afirma-se que cada indivíduo que constitui a feira dispõe de suas próprias maneiras de viver e conviver, deste modo, observa-se que é uma atividade relevante pois promove o desenvolvimento econômico, cultural e social.

A feira livre é determinada pelo seu tempo histórico (no feudalismo e capitalismo) sendo um elo de ligação entre o campo e a cidade. Segundo Oliveira (2017), a feira livre foi uma das principais formas para a ocupação, a expansão territorial e o desenvolvimento de diversas cidades brasileiras, que se deu através do campo sendo ele o lugar que dá origem a produção e a feira é o intermédio, que é o local para a distribuição, circulação e o consumo dos produtos produzidos. Portanto, através das feiras livres, a produção da lógica camponesa e a lógica capitalista estão intrinsicamente ligadas, uma vez que a produção de mercadorias é a base para ambas as lógicas.

---

<sup>3</sup> Cinesia: capacidade de movimentação rápida.

### 3 A RELAÇÃO DA FEIRA LIVRE COM A LÓGICA CAPITALISTA E A LÓGICA CAMPONESA

#### 3.1 A LÓGICA CAPITALISTA SOB O ASPECTO DE PRODUÇÃO DO AGRONEGÓCIO

No modo de produção capitalista, o trabalhador passou a oferecer seu trabalho mecânico e braçal, estando livre do domínio de terras, sendo ele o proprietário da sua própria força de trabalho. Nesse viés, antes de tudo, vale salientar que o capital e o dinheiro possuem conceitos distintos, pois o capital é uma relação social através da exploração do trabalho e da propriedade privada, no qual, precisa ser autoalimentado, assim, a riqueza seja a longo prazo para que cada vez mais, o capital amplie sua riqueza. Já o dinheiro, é algo não durável, ou seja, está em constante movimento, um meio de troca, de sobrevivência, uma relação social, não sendo um acúmulo de capital necessariamente, sendo criado antes do próprio capitalismo. Com isso, podemos prosseguir para o que Oliveira (2007) declarou, pois ele alega que o trabalhador deixa de acreditar que o capital depende dele, e que ele é o dependente do capital sendo então uma criatura do capital, alienando-se. Dessa forma, a ideologia capitalista deixa claro que a depender das circunstâncias, o capital sempre será o protagonista.

Dessarte, entramos na lógica capitalista: D-M-D', dinheiro-mercadoria-dinheiro'. Que se caracteriza, sobretudo, na acumulação de capital, onde começa com dinheiro e termina com dinheiro'. Posto isso, a lógica do sistema capitalista faz com que os proprietários dos meios de produção possam investir em suas empresas para muitas mercadorias e, posteriormente, um maior número de capital, visto que quanto maior o investimento, maior será a quantidade das mercadorias. A lógica capitalista está presente em grandes negócios, pois, sabe-se que o acúmulo de capital gera uma relevância importante para os empresários, transformando tudo em mercadorias e lucro, dessa forma, os produtos passam ser comprados e vendidos, a fim da produção do capital gerar mais capital, como afirma Oliveira (2007 *apud* Santos 2020).

Em função da lógica capitalista também surge a questão da expansão da fronteira agrícola, todavia, para compreender tal questão, é necessário antes de tudo entender o que significa “*commodities*”, podendo ser definida como toda matéria-prima bruta produzida a longo prazo e que não perde sua qualidade ao ser estocada. Além disso, ela se sobressai por ser comercializada mundialmente e o Brasil tem um vasto percurso com as atividades agroexportadoras.

Posto isso, pode-se prosseguir sobre a fronteira agrícola que são resquícios do avanço da monocultura intensiva, sendo uma fronteira econômica e geográfica como afirma Diniz (2002). Com uso das altas tecnologias para o agronegócio, notou-se que a fronteira agrícola aumentou, pois segundo Santos (1996) foi uma dispersão do meio tecnológico, científico e informacional, assim, a fronteira agrícola permite ver a dimensão dos avanços das produções do agronegócio.

De acordo com Octaviano (2010) a Revolução Verde é vista como a difusão de tecnologias que ocorreu entre 1960 e 1970 a partir da modernização das técnicas utilizadas. Segundo Godoy *et al* (2005), os avanços provindos da Revolução Verde tinham como objetivo trazer um conjunto de inovações tecnológicas que transpassaram o setor primário da economia (agricultura e pecuária) com a finalidade de melhorar essas atividades. As inovações propostas caracterizavam-se por abranger um conhecimento técnico avançado e com cientistas diligentes em fortalecer as produções agrícolas.

Entretanto, apesar de ter propiciado um aumento relevante na produção agrícola, principalmente em países menos desenvolvidos, a “Revolução” trouxe consigo impactos ambientais negativos e consequências sociais. De acordo com Novaes (2017) entre esses impactos sociais e ambientais estão sobretudo a concentração da terra; aumento do desemprego no campo; a proletarização do campo, além do endividamento dos pequenos produtores e dentre outros. Em vista disso, a Revolução Verde ocasionou profundas consequências, porém as pessoas que são responsáveis por esses impactos também sofrem com suas ações, como ser social e biológico. Logo, segundo Andrade e Ganimi (2007 *apud* Novaes 2017), a saúde do homem também sofre com tal modelo, haja vista, que é consumidor direto de tais alimentos.

Segundo Ayres *s/d et al* o aumento de produção e produtividade agrícola poderão proporcionar rendas mais altas, uma vez superado o nível de subsistência, gerando uma poupança agrícola que pode ser transformada em fonte de capital para o mesmo setor ou para um outro. Do mesmo modo, o acréscimo da renda incrementará a procura de bens produzidos fora do setor primário, transformando-o num importante mercado consumidor dos produtos gerados por outros setores economia. Por outro lado, Ayres *s/d et al* afirma ainda, que os excedentes agrícolas no mercado interno poderão servir como fonte de receitas cambiais para o crescimento econômico ou para a cobertura de gastos com divisas, na importação de outras mercadorias. Sendo assim, a expansão da produção comercializável dos produtos poderá constituir um fator de crescimento econômico na agricultura.

Ademais, a produção dos produtos agrícolas reflete um mercado de grande complexidade onde os produtores enfrentam incertezas e riscos em todos os ciclos do processo produtivo. Essas imprevisibilidades são oriundas de fatores ambientais e mercantis, logo, segundo Padilha-Júnior (2006) os problemas – tais como, ineficiência de transporte, falta de estradas, tributação excessiva, capacidade estática e inadequação dos portos que operam com custos elevados - ocorrem “fora” dos portões da propriedade e não estão no alcance dos produtores rurais. Sendo assim, mesmo que os agricultores sejam eficientes dentro de suas propriedades, tenham uma alta produtividade e custos baixos, ao se colocarem dentro de um sistema de comercialização eles perdem toda a vantagem comparativa e competitiva. Mendes fala ainda, que o sistema de comercialização representa um papel fundamental dentro da economia ao proceder a ligação entre o setor produtivo e os consumidores finais.

Posto isto, a comercialização, segundo Waquil *et al* (2010), consiste no ato do agricultor ou de outras pessoas que possuem condições de transportar seus produtos, leva-los para outros agentes que têm interesse em suas mercadorias, ou seja, que compõem a cadeia produtiva em que ele está inserido, seja após o processo produtivo ou durante a produção de seus produtos, e assim, eles poderão suprir suas necessidades; com isso, é necessário ressaltar que durante esse processo o produto sofre transformações, diferenciações e agregações de valores. Além disso, conforme Padilha-Junior (2006) “As facilidades (utilidades) que os produtos agrícolas sofrem são de posse, forma, tempo e lugar, adequando-os, desta forma, ao gosto e preferência dos consumidores finais”.

De acordo com Waquil *et al* (2010) os consumidores podem ser os próprios agricultores, uma vez que eles compram para suprir suas necessidades com o intuito de desenvolver suas próprias atividades agropecuárias. Ressalta-se ainda que as empresas de agroindústria e cooperativas são os principais compradores, o governo também adquire uma grande quantidade desses produtos para formar estoques reguladores e atender programas de incentivos e apoio. Então, mesmo que o comprador final não seja o comprador direto, as decisões de compra determinam a demanda dos supermercados, que por sua vez, determinam a demanda de atacadistas e agroindústrias, o que resulta em uma demanda derivada para a produção agrícola. Em vista disso, é de extrema importância ter-se uma noção do encadeamento que envolvem o fornecedor de insumos até o consumidor final.

Dessa maneira, nota-se que a lógica D-M-D’ tem como mecanismo principal o lucro, que independem de questões sociais, ambientais e da área da saúde. Em relação a questão social, tem como desafio a grande concentração de terras e a produção em larga escala de *comodities*

e não alimentícia. No que se trata a questão ambiental, tem como impasse a grande expansão da fronteira agrícola com o avanço da ocupação de terras para a atividade da agropecuária. E por fim, o uso intensivo de agrotóxicos tornam-se prejudiciais a saúde pública, gerando, assim, diversos malefícios na sociedade.

### **3.2 A LÓGICA CAMPONESA DE PRODUÇÃO**

Para Chayanov (1974) a economia camponesa se assenta no consumo familiar e na força de trabalho, assim, a relação do trabalho e consumo ocorre apenas para a satisfação de necessidades familiares e tem como limite a sobrevivência. Logo, é na estrutura interna do campesinato que se encontra essa distinção entre produção camponesa e produção capitalista. Segundo Oliveira (2007) a produção camponesa tem a seguinte fórmula: M-D-M, mercadoria-dinheiro-mercadoria. Assim, ela pode ser conceituada como uma forma simples de circulação de mercadorias em dinheiro e tem como finalidade a obtenção de meios para adquirir outras mercadorias que são igualmente necessárias para a satisfação familiar. Dessa forma, é um movimento do vender para comprar. Em vista disso, no trabalho familiar da unidade camponesa, parte da produção agrícola entra no consumo direto da família, e a outra parte, quando se forma excedentes, pode vir a ser comercializada sob a forma de mercadoria. Chayanov (1974) fala ainda que são unidades camponesas com atividades econômicas de origens não capitalistas, mas que estão subordinadas ao modo capitalista de produção.

A vista da lógica camponesa, reflete-se sobre a reforma agrária, comandada por grupos de camponeses, sendo uma política pública voltada para melhorar a distribuição fundiária do país, similarmente com a assistência técnica, para que os camponeses possam utilizar da melhor forma possível da terra, uma vez que a concentração de terras está monopolizada entre os grandes proprietários. Assim, se um patrimônio fundiário de um país está concentrado, o poder também estará concentrado nas mãos dos grandes empresários, como afirma Porto-Gonçalves *et al* (2015-2017). Conseqüentemente, com a reforma agrária, será possível que haja um processo de democratização do acesso às terras que não cumprem sua ação social, para evitar as propriedades que não permitem a subsistências das pessoas.

Ademais, a reforma agrária favorecerá, também, as diversas famílias que lutam contra a miséria no campo e o desenvolvimento sustentável das produções familiares. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2021) a supracitada ajuda também na “produção de alimentos básicos, no combate à fome e à pobreza, na promoção da cidadania e da justiça social, na interiorização dos serviços públicos básicos, na redução da migração campo-cidade e na diversificação do comércio e dos serviços no meio rural”. A partir disso, surge a soberania alimentar, que é descrita por Sauer e Pereira (2006) como um elemento fundamental no direito à alimentação e, com a implementação dos processos da reforma agrária, sendo assim, adaptada para a capacidade de cada país, portanto, é uma luta contra toda globalização do mercado alimentício.

Conforme Silva (2014) a prática do cultivo de agricultura camponesa está diretamente ligada com a agricultura familiar, visto que levam uma vida de convívio com a natureza e tem como principais trabalhadores os membros de sua própria família. Entretanto, ressalta-se que com o surgimento do capitalismo ocorreu a desconstrução do conceito de agricultura camponesa e foi-se utilizado a expressão agricultura familiar, dado que “a construção teórica da agricultura familiar tem construído a compreensão e a percepção que o camponês representa o velho, o arcaico e o atrasado, enquanto o agricultor familiar representa o novo, o moderno, o progresso” (FERNANDES, s/d, p.7 apud Silva, 2014).

Dessarte, mesmo que a agricultura camponesa seja a principal produtora de alimentos, ela sofre diversas dificuldades políticas que envolvem o acesso das terras e repressões de empresas capitalistas e grandes proprietários de terra. Portanto, a agricultura camponesa é uma alternativa de produção e sobrevivência que é vista como uma classe trabalhadora e social, e que não é exclusivamente um setor da economia, mas também uma forma de organização da produção ou um modo de reprodução social e um modo de vida, como afirma Silva (2014).

Historicamente, a grande maioria dos produtos comercializados na feira vêm de pequenos agricultores, teremos como resultado o reconhecimento do trabalho artesanal que gera uma integração social. Todavia, a feira Livre atualmente ainda é vista como um modelo comercial “ultrapassado”, sendo assim, segundo Santos (1979 *apud* Godoy, 2005) as atividades econômicas estão divididas em dois circuitos: superior e inferior. Discorrendo acerca do superior, o autor caracteriza este circuito como avançado, que procura gerar acúmulo de capital, estando composto por empresas que buscam atividades ligadas ao ramo da alta tecnologia e, por sua vez, o inferior vincula-se com o comércio das classes mais baixas, operado por atividades com menores dimensões, com o uso da mão de obra intensiva.

Posto isto, os subsistemas urbanos são formas que possuem por finalidade produzir, distribuir, comercializar e consumir, e o campo está associado ao circuito inferior a partir da produção familiar camponesa. Todavia, o agronegócio ligado à produção de *commodities* estaria no circuito superior conforme dito anteriormente. Desse modo, “a feira é um exemplo de atividade de pequena dimensão, onde ocorre o comércio em pouca quantidade, não há um grande acúmulo de capital, e apesar de concentrar um número grande de feirantes, eles trabalham principalmente de forma individual” (DIONIZIO, 2012, p.89).

#### **4 FEIRA LIVRE: TERRITORIALIDADE BRASILEIRA**

De acordo com Mott (1975 *apud* Dantas, 2008) na pré-colonização do Brasil, os povos indígenas possuíam uma vida simples, portanto, não havia a necessidade de produzir excedentes, uma vez que sua cultura era fundamentada na economia de subsistência e tinham como principal objetivo suprir suas necessidades momentâneas. Mott (1975 *apud* Dantas, 2008) cita ainda que, segundo relatos de viajantes e cronistas da época, o comércio intertribal dos tupinambás e os guaitácas se dava de uma forma bastante singular, visto que tinham uma rivalidade; assim, eles procuravam manter uma distância um dos outros. Logo após, os tupinambás mostravam seus produtos deixando-os sob um pedaço de pau ou pedra e deste modo os guaitácas analisavam os produtos, deixando suas pedras e penas como maneira de troca, e levavam os outros objetos. Com o escambo feito, rompia-se a trégua entre as tribos e ambos os grupos tentavam recuperar seus produtos.

Segundo Dantas (2008) com o início da colonização dos portugueses, os tupinambás começaram a comercializar produtos nativos e, por conseguinte, produtos com maiores valores. Assim, os índios que viviam próximos ao litoral iam em busca de riquezas locais para em troca receberem quinquilharias<sup>4</sup>, com isso, forma de transporte dessas riquezas se dava pelos silvícolas<sup>5</sup> até a praia e eram entregues nas mãos de particulares ou de feitorias, com o intuito de serem embarcadas para o Reino (MOTT, 1975, p. 308 *apud* Dantas 2008).

Segundo Coutinho *et al* (2006), no Brasil as feiras eram atividades informais localizadas em portos que vendiam pescados e diversos produtos, porém, somente em 1771 o

---

<sup>4</sup> Quinquilharias: objeto sem valor ou utilidade; no período colonial brasileiro quinquilharias seriam bugigangas, pentes, colares, espelhos, facões, perfumes etc.

<sup>5</sup> Silvícolas: é todo aquele indivíduo de origem ou ascendência indígena.

3º vice-rei Marquês Lavradio criou a primeira lei que regularizou e autorizou a feira. Contudo, somente “em 1904, através do decreto nº997, as feiras foram reconhecidas formalmente pela administração pública, autorizando o seu funcionamento aos sábados, Domingos e feriados”. (COUTINHO *et al*, 2006, p.3).

## 5 AS FEIRAS LIVRES DA CIDADE DE PENEDO

A cidade histórica de Penedo é um município localizada no estado de Alagoas as margens do Rio São Francisco. Em 1534 foi fundada, entretanto, apenas em 1560 foi oficialmente reconhecido pelo 2º donatário Duarte Coelho Pereira de Albuquerque como “Penedo do São Francisco”. Por conseguinte, em 12 de abril de 1636, foi elevado à categoria de vila com o nome de “Vila do Penedo do São Francisco” e, por fim, em 18 de abril de 1842 tornou-se cidade.

Segundo Moraes (2013) a feira livre da cidade de Penedo possui relatos desde meados de 1812, “[...] quando o Ouvidor Geral José da Cunha Soares recebeu o pedido para autorizar um negociante procedente do Alto São Francisco para vender em Penedo parte de suas mercadorias e gêneros alimentícios”. Ainda segundo a autora, em 1816 a feira já era muito comentada e movimentada à procura de alimentos. Por ser uma cidade ribeirinha, algumas ruas onde a feira acontecia sofriam enchentes com frequência houve a mudança para a rua Sabino Romariz onde até hoje se encontra a principal feira de Penedo, conhecida hoje como rua do Comércio.

Embora o entorno da Feira possua tais pertinências, com as ruas que o circundam mistas em atividades comerciais e residências que se fundem ao elemento de ligação que é a Feira Livre, são destacadas as edificações do mercado público e o pavilhão da farinha como elementos aglutinadores[...] (MORAES, 2006. p.64)

Sob essa perspectiva, nos dias atuais, a cidade de Penedo possui três feiras livres ativas e que são distribuídas em quatro pontos distintos do município. Nesse tocante, é notório que possuem grande importância para o abastecimento de alimentos locais, garantindo não

somente o sustento econômico dos feirantes, mas também, o sustento da população que se beneficia dessa forma de comercialização. Dessa maneira, na cidade de Penedo – AL existem três feiras livres ativas, sendo elas: 1) Feira do Comércio, 2) Feirinha do Barro Duro e, por último, 3) Feira da Agricultura familiar.

### 5.1 A “FEIRA DO COMÉRCIO”

Como falado anteriormente, a cidade de Penedo dispõe de diversas feiras ao decorrer da semana, todavia, a feira que possui mais visibilidade na cidade ocorre de segunda à sábado. No entanto, não há muita movimentação de feirantes, tendo pouquíssimas bancas para vendas durante a semana (figura 1), pois o dia principal são aos sábados tendo no total 387 bancas inscritas, no qual se inicia às 6h e se finda às 13h, uma vez que existe um fluxo maior de compradores. Além disso, ressalta-se que esse dia em especial, é estabelecido pelos conterrâneos como o “Dia de Feira”, havendo uma maior disponibilidade de compra e venda.



*Figura 1: Fotografia da entrada onde acontece a principal feira da cidade.  
Fonte: Autoras, 2022.*



*Figura 2. Feira livre do Comércio, dia de sexta-feira, Penedo – AL.  
Fonte: autoras, 2021.*

## **5.2 A “FEIRINHA DO BARRO DURO”**

Outra feira que também contém um maior fluxo de fregueses é a feira livre do Bairro Santa Luzia, conhecida popularmente por “feirinha do barro duro”. Seguida da feira do comércio, essa é a segunda maior feira da cidade tendo 364 bancas, pois também existe há diversos anos no município. O funcionamento da feira ocorre da seguinte maneira: muitos feirantes partem da “feira do comércio” após sua finalização e começam a montar suas barracas no sábado à tarde, apesar disso, a feira apenas é iniciada no início da manhã do domingo das 6h às 12h, possuindo também um dos maiores fluxos de feirantes e compradores como é possível observar na figura 3.



*Figura 3: feira livre do "barro duro".  
Fonte: Autoras, (2022).*

### 5.3 “FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR”

A feira livre da agricultura familiar é a mais recente que existe na cidade, uma vez que foi iniciativa da prefeitura local como forma de incentivo aos pequenos agricultores do município que tinha dificuldade em acesso às vendas na feira livre. Com isso, os pequenos produtores têm seu espaço para a comercialização dos seus produtos orgânicos e apenas aqueles produzidos por eles, sendo constantemente fiscalizados pela prefeitura local através de um técnico especializado, tendo apenas 3 anos de existência, contendo 46 bancas de agricultores. Ocorre em bairros alternados mesclando entre o bairro de Santa Luzia e o da Cohab, acontecendo às quartas-feiras das 16h às 20h, assim, na semana que acontece em um bairro, na próxima semana ocorrerá no outro, havendo sempre a troca para que alcance ainda mais compradores. Dessa forma, a agricultura familiar passar a ganhar reconhecimento.



*Figura 4: Foto da feira da agricultura familiar no Bairro da Cohab.  
Fonte: Autoras, 2022.*

## 6 RESULTADOS E DISCUSÕES OBTIDOS ATRAVÉS DA PESQUISA

Após construída toda a base teórica sobre as feiras livres e como elas sucederam-se até o presente momento, foi possível compreender que a feira livre é anterior ao capitalismo e que a lógica camponesa e do agronegócio se diferem entre si. Com isso, após a identificação de todas as feiras livres ativas no município de Penedo, foi possível a elaboração e aplicação de

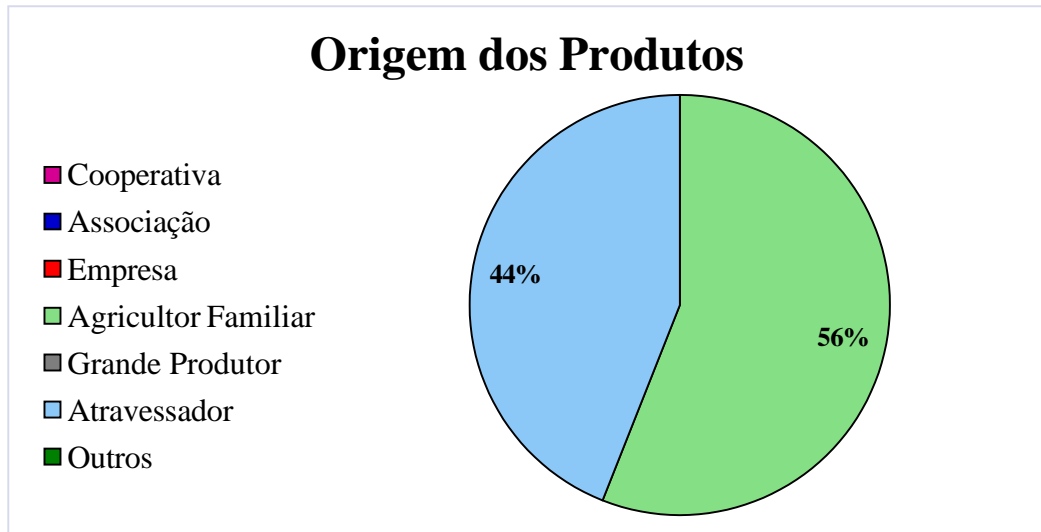
um questionário (Apêndice 1) com público-alvo da pesquisa – Feirantes – estruturado com 5 perguntas sucintas: onde é produzido, origem dos produtos, quem produz, onde vendem e os principais produtos comercializados. O questionário abrangeu 24 feirantes divididos nas três feiras, sendo elas: feira do “Comércio”, “feirinha do Barro Duro” e feira da “agricultura familiar”, sendo respectivamente 10, 9 e 5 feirantes entrevistados, no total de 797 bancas de feirantes inscritos.

Diante do exposto, através da pesquisa de campo foram identificados os principais produtos comercializados nas três feiras livres, divididos em raízes, frutas, verduras e hortaliças. A esse respeito, nota-se que as feiras livres dispõem de um leque de variedades para a venda, de modo que todos os grupos alimentícios supracitados ficaram em equilíbrio, não existindo, assim, uma diferença exacerbada entre as produções das categorias dos produtos.

*Figura 5: Principais produtos que são vendidos nas feiras livres de Penedo.  
Fonte: Autoras, 2022.*

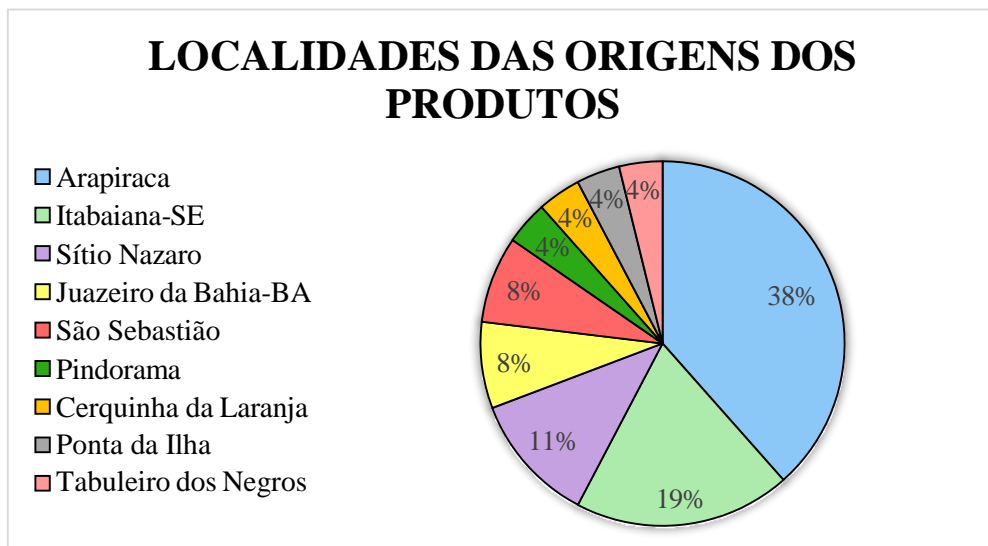
<b>PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS</b>			
<b>HORTALIÇAS</b>	<b>RAÍZES</b>	<b>VERDURAS</b>	<b>FRUTAS</b>
Alface	Macaxeira	Cebola	Tomate
Coentro	Inhame	Pimentão	Limão
Cenoura	Batata doce	Batatinha	Maracujá
Couve			Banana
Cebolinha			Manga
Hortelã			Laranja

Conforme os dados obtidos, constatamos que a origem dos produtos vem apenas de duas categorias: atravessadores e agricultores familiares. Quanto a agricultura familiar, observa-se que 56% (figura 6) têm sua origem acarretada dessa classe, o que significa ser mais da metade sobressaindo-se em 6% acima. Por outro lado, ainda sob a visão da origem dos produtos, 44% (figura6) vêm de atravessadores, que consiste em comerciantes que compram as mercadorias para à revenda.



*Figura 6: Originalidade da maioria dos produtos vendidos nas Feiras.  
Fonte: Autoras, 2022.*

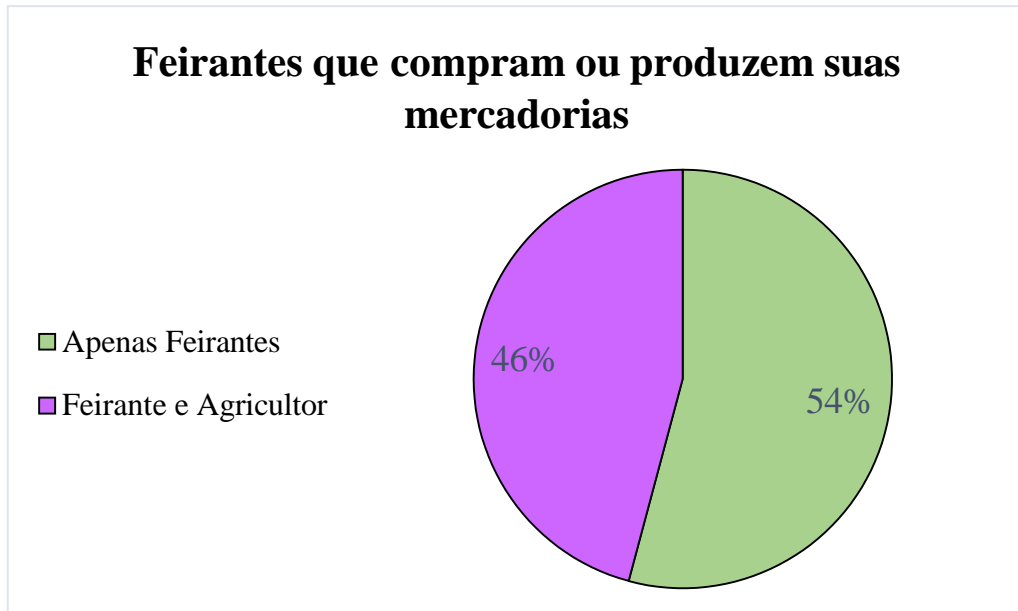
Diante do exposto, foi possível discernir de onde os alimentos vendidos nas feiras do município são oriundos através da figura 6. A partir disso, os locais foram as cidades de Arapiraca-AL, Itabaiana-SE, Juazeiro da Bahia-BA, São Sebastiao-AL, Pindorama-AL e os povoados do município de Penedo (AL), como Sítio Nazaro, Cerquinha da Laranja, Tabuleiro dos Negros e Ponta da Ilha. Dessa forma, é perceptível que a grande parte e os principais produtos são advindos de outras localidades distintas do município de Penedo.



*Figura 7: Origem territorial dos produtos comercializados.  
Fonte: Autoras, 2022.*

Com relação aos feirantes que compram ou produzem suas mercadorias especificamente, das três feiras pesquisadas, nota-se que grande parte dos entrevistados

produzem suas próprias mercadorias, sendo 56% da totalidade e apenas 46% dos feirantes compram seus produtos (figura 8).



*Figura 8: Quantitativo de feirantes que são ou não produtores.  
Fonte: Autoras, 2022.*

Logo em seguida, a partir dos resultados obtidos por meio dos feirantes, foi realizado o mapeamento das principais áreas dos produtos oriundos das feiras do município de Penedo como é possível observar na figura 9. Nesse tocante, através da distribuição espacial da origem dos produtos, foi possível observar uma predominância dos municípios da região agreste das cidades citadas durante a aplicação do questionário, abrangendo os estados de Bahia, Sergipe e Alagoas. Assim, nota-se que os produtos comercializados nas feiras livres de Penedo, engloba não só as cidades circunvizinhas, mas também, outras regiões nordestinas.

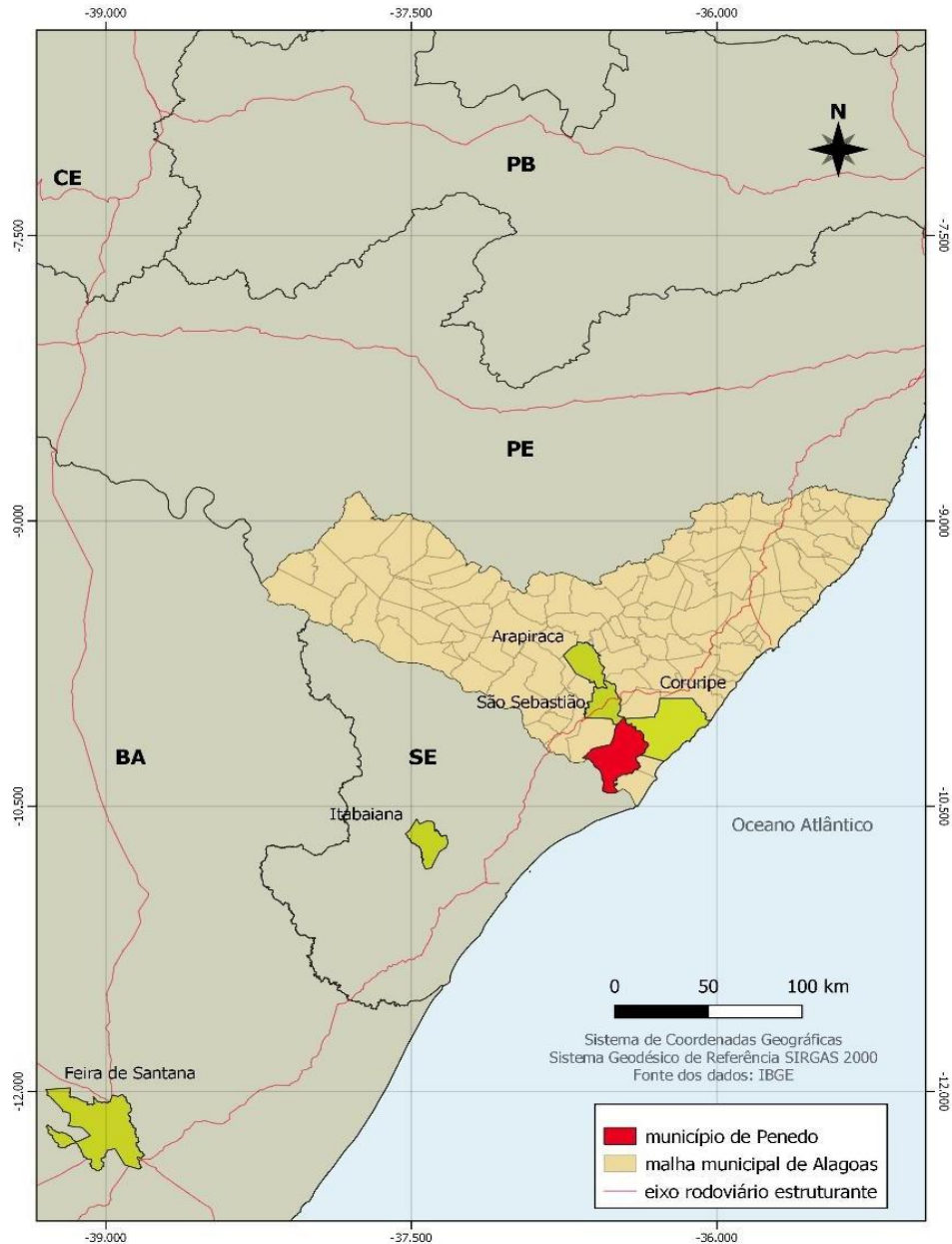


Figura 9: Principais localidades da origem dos produtos comercializados.  
 Fonte: Autoras, Lucas Suassuna, 2022.

## 7 O CAMPONÊS E O CONVÍVIO COM O MEIO AMBIENTE

O prosseguimento da origem do camponês frequentemente dar-se de forma hereditária, em razão de ser passada de pai para filho. Desse modo, faz continuidade do cuidado singular e particular de cada família, sempre em busca do cuidado com a terra e de tudo que à envolve, pois,

[...] esse potencial cultural construído ao longo de gerações se constitui num dos principais aportes que o campesinato presta à humanidade, enquanto proposta de manejo sustentável, criativo e apropriado às condições ambientais (físicas, climáticas, biológicas) e socioculturais locais (PEREZ-CASSARINO, 2013, p. 133).

Nesse viés, ao longo da história, com as adaptações e recriações das formas de produções, o camponês pôde obter avanços significativos no que tange a sua capacidade de aperfeiçoamento da conservação dos meios disponíveis, o que ocasionou uma diversificação de ecossistemas agrícolas, adaptando-se de acordo com as condições locais que pertencem, tais como geográficas e históricas, e variando ainda nas formas de manejo.

Segundo Perez-Cassarino *et al* (2013), a forma que o campesinato produz até os dias atuais é de uma agricultura mais tradicional, dando importância a forma que foi passada por sua família, visando sempre os saberes familiares, no qual, possuem como principais fontes de conhecimentos. Assim, ainda segundo a autora supracitada, a dinâmica camponesa é caracterizada por conhecimentos rurais que favorecem uma diversificação de espaços, visto que, os inseridos na lógica M-D-M, não priorizam o lucro em razão de não possuírem primícias capitalistas como afirma Chayanov (1974).

Sob essa ótica, os fundamentos em que a agricultura camponesa se baseia são, sobretudo, agroecológicos, visto que “os camponeses realizam múltiplos serviços no espaço rural, contribuindo para a diversificação da paisagem, das espécies, da alimentação, bem como para a manutenção e recuperação das águas, dos solos e do ar.” (CAMARGO *et al*, 2007). A esse respeito, propositalmente ou não, o camponês com seu saber histórico familiar, contribui para o beneficiamento dos aspectos que estão presente nos agroecossistemas locais.

Ademais, o campesinato acrescenta ainda na biodiversidade em razão da produção da policultura, que sempre visa a diversificação de plantios na área disponível para plantação, os chamados minifúndios. Dessa maneira, acrescenta valor a terra por ser diversificada, pois logo se adequa no decorrer das estações do ano, da disponibilidade da família, da disponibilidade do meio ambiente (como água, sol, chuva e solo), seguindo as necessidades em que são indispensáveis.

Dessarte, além de todas as características citadas a agricultura camponesa com sua pluralidade de plantios, não necessitaria, primordialmente, de fertilizantes e agrotóxicos para controle de pragas ou de doenças. Uma vez que, segundo Camargo *et al* (2007) incrementando na biodiversidade por meio da policultura promove a diversidade genética, contribuindo para

uma melhor estabilidade energética. Em razão disso, acrescenta ainda mais no cuidado comum que o camponês promove ao meio ambiente.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressalta-se que as feiras livres são instituições de grande valor cultural, social e, principalmente, econômico. De modo que, comercializam e suprem as necessidades alimentícias locais de cada região, além de acrescentar na importância cultural, uma vez que é um costume popular, que se enraizou na cidade de Penedo – AL. Nesse viés, através da pesquisa teórica e empírica da dinâmica camponesa, identifica-se que a maioria dos feirantes são pequenos produtores que comercializam produtos, e aqueles que apenas vendem possuem produtos oriundos de atravessadores o que provavelmente tem origem também de pequenos produtores rurais de outros estados que não tem condições de fazer esse traslado.

Ademais, é notório que as feiras são locais em que os agricultores camponeses possuem a liberdade para a comercialização de seus produtos, sendo ela uma local de resistência em relação as grandes logísticas de produções da contemporaneidade – agronegócio –, assim, é perceptível que a supracitada é persistente ao capitalismo, não condizendo com o sinônimo de ultrapassada citada anteriormente no texto.

A partir da análise da pesquisa de campo e bibliográfica, permitiu a compreensão de que a maioria dos produtos comercializados têm origem de pequenos produtores rurais, que tem como modo de sobrevivência a feira livre. Todavia, a agricultura camponesa vem sofrendo resquícios do avanço do agronegócio, como a má divisão de terras e, conseqüentemente, evidencia a luta constante dos camponeses para que haja a divisão fundiária brasileira.

Além disso, observa-se uma série de bonificações que o camponês gera ao produzir, ele se adequa ao meio em que produz, e através do agroecossistema<sup>6</sup> gera um contato direto entre ser humano e natureza. Dessa forma, é de grande relevância não só para os consumidores dos produtos originados, mas, também para o meio ambiente e tudo ao seu redor, observando assim, que não é somente sobre lucro, riqueza ou acúmulo de bens, o camponês produz para se auto sustentar, cuidar de suas riquezas, não lucrativas, mas sim à terra que é um bem comum e que indiretamente cuida de todos.

---

<sup>6</sup> Agroecossistema: Consiste em um ecossistema com a presença de uma população agrícola que é regulado pela intervenção humana, portanto, pode ser entendido como uma unidade de trabalho no caso de sistemas agrícolas, diferindo fundamentalmente dos ecossistemas naturais.

O camponês possui, primordialmente, como essência a produção sem retorno financeiro, produzindo especialmente para a sobrevivência – alimentação –, visto ser uma necessidade humana necessária e que alimenta a todos,

[...], portanto, é a agricultura camponesa que deve ser a prioridade das políticas públicas e não o agronegócio, [...] pois a própria lógica de mercado impõe a produção de escala, até para que ela chegue ao mercado. Por isso, não é raro ver camponeses ocupados com uma única atividade comercial. Confirmando a necessidade de luta contra o capital (CAMACHO, 2016, p. 9).

Além do mais, o camponês beneficia ao meio ambiente, pois ele se adequa ao meio em que produz e não adequa o meio. Sendo assim, sustentável comparado ao agronegócio que destrói a diversidade natural e cultural, posto isso, destaca-se a relevância em que a produção camponesa e as feiras livres oferecem ao meio ambiente e a todos ao redor.

Com isso, é notório que o município de Penedo necessita de um incentivo de plantio agrosustentável através da agricultura camponesa, visto que é inegável a contribuição da supracitada, uma vez que a cidade possui uma alta potencialidade para a produção agrícola, em razão de ser uma região ribeirinha e por possuir diversos agricultores. Por fim, nota-se que a agricultura camponesa contribui ao meio ambiente com seu cuidado particular com seus plantios. Dessa forma, a cidade de penedo poderia colaborar através de políticas públicas que favoreçam pequenos agricultores rurais, tornando isso um grande objetivo para o crescimento econômico e ambiental da cidade. Por fim, nossa pesquisa focou na comercialização da produção de alimentos e não teve como objetivo observar a produção *in loco*<sup>7</sup> devido ao tempo, abrindo possibilidade para outras pesquisas.

---

<sup>7</sup> *In loco*: é uma expressão em latim que significa “no lugar” ou “no próprio local”

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Flamarion Dutra. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012. ISSN 2236-4994 I 7 **A relação campo-cidade na Geografia Brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos.** apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7570/pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- ALVES, Flamarion Dutra. **A relação campo-cidade na Geografia Brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos.** Produção do Espaço e Dinâmica Regional, Alfenas, v. 16, n. 3, p. 1-12, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7570/pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- ANDRADES, T. O.; GANIMI, R. N. **Revolução verde e apropriação capitalista.** CES Revista, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 43-56, 2007.
- ANDRADE, Sheylla Silveira. **As feiras sob a lógica do capital: da produção camponesa à subsunção do trabalho na circulação.** 2011. 193 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5580/1/SHEYLA\\_SILVEIRA\\_ANDRADE.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5580/1/SHEYLA_SILVEIRA_ANDRADE.pdf). Acesso em: 30 abr. 2022
- AYRES, Carlos Henrique Simões; BRANDT, Sergio Alberto; LEITE, Carlos Antônio Moreira; TEIXEIRA, Juraci Aureliano. **ANÁLISE ECONÔMETRICA DO EXCEDENTE COMERCIALIZÁVEL DE GRÃOS NO ESPÍRITO SANTO.** R. Econ. Rural, Brasília, v. 18, n. 1, p. 61-87, mar. 1980. Disponível em: <https://www.revistasober.org/article/5d9632a20e8825f6172bac33/pdf/resr-18-1-61.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira. **As feiras livres e suas (contra) racionalidades: periodização e tendências a partir de Natal-RN-Brasil.** Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2013, Vol. XVIII, nº 1009. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-1009.htm>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. **Por uma Agricultura Camponesa.** 2016. Disponível em: <https://www.cpa0.embrapa.br/cds/agroecol2016/PDF's/Trabalhos/Por%20uma%20Agricultura%20Camponesa.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.
- CAMARGO, Paula. Fundamentos da transição agroecológica: racionalidade ecológica e campesinato. **Agrária (São Paulo. Online)**, [S.L.], n. 7, p. 156, 1 dez. 2007. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1808-1150.v0i7p156-181>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/133>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- COUTINHO, Edilma Pinto et al. **FEIRAS LIVRES DO BREJO PARAIBANO: CRISE E PERSPECTIVAS: comercialização, mercados e preços agrícolas.** In: CONGRESSO DA SOBER, 44., 2006, Fortaleza. Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Fortaleza: Ufpb, 2006. p. 1-12. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/148163/>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- DINIZ, Alexandre Magno Alves. **Migração e Evolução da Fronteira Agrícola.** 2002. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/327445416\\_Migracao\\_e\\_Evolucao\\_da\\_Fronteira\\_Agricola](https://www.researchgate.net/publication/327445416_Migracao_e_Evolucao_da_Fronteira_Agricola). Acesso em: 11 dez. 2021.

DANTAS, Geovany P. G. **Feira Livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)**. (Dissertação de Mestrado) Natal, RN, 2007.

DANTAS, Geovany P. G. **FEIRAS NO NORDESTE. Mercator - Revista de Geografia da Ufc**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 88-99, set. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2736/273620629009.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

FREIRE, Ana Lucy Oliveira. **O desenvolvimento do comércio e a produção do espaço urbano**. Geotextos, Espírito Santo, v. 6, n. 2, p. 1-22, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4829/3586>. Acesso em: 08 jun. 2021.

FUTURA, Canal. **Reforma Agrária** - Sala Debate - Canal Futura - Parte 01. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LoCB3RS0NIw>. Acesso em: 16 de jun 2021.

GODOY, Wilson Itamar. **AS FEIRAS-LIVRES DE PELOTAS, RS: estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema local de comercialização**. 2005. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

GOUVÊA, Josiane Barbosa. **Estudo do cotidiano de pequenos produtores rurais no ambiente da Feira Livre constituída a partir da gestão cooperativa**. 2014. 170 f. (Dissertação Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

LIMA, Eliany Dionizio. **A FEIRA LIVRE NA MEDIAÇÃO CAMPO-CIDADE**. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012. Cap. 3.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007.

MORAES, Ariana Salete de. **A FEIRA NO CENTRO HISTÓRICO DE PENEDO: um cotidiano urbano**. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5487/1/A%20Feira%20no%20Centro%20Hist%C3%B3rico%20do%20Penedo%20Um%20cotidiano%20urbano.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

NOVAES, Henrique Tahan. **REESTRUTURAÇÃO DO CAMPO E O FETICHISMO DA “REVOLUÇÃO VERDE”**. Ciências do Trabalho, Marília-SP, n. 9, p. 15-28, dez. 2017.

OCTAVIANO, Carolina, Muito além da tecnologia: os impactos da **Revolução Verde**, Com Ciência n.120 Campinas 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

PEREZ-CASSARINO, Julian; FERREIRA, Angela Duarte Damasceno; MAYER, Paulo Henrique. **Agricultura, campesinato e sistemas agroalimentares: uma proposta de abordagem para a transição agroecológica**. Cronos, Natal, v. 14, n. 2, p. 129-152, jul. 2013. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:t4s8-WSz5VgJ:https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/6083/pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 30 abr. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; CUIN, Danilo Pereira; LADEIRA, Julia Nascimento; SILVA, Marlon Nunes; LEÃO, Pedro Catanzaro da Rocha. **A RUPTURA POLÍTICA E A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL: da política da terra arrasada à luta pela dignidade.** **Revista Okara: Geografia em debate**, João Pessoa - Pb, v. 12, n. 2, p. 708-730, fev. 2018. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4461081/mod\\_resource/content/1/A%20RUPTURA%20POL%C3%8DTICA%20E%20A%20QUEST%C3%83O%20AGR%C3%81RIA.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4461081/mod_resource/content/1/A%20RUPTURA%20POL%C3%8DTICA%20E%20A%20QUEST%C3%83O%20AGR%C3%81RIA.pdf). Acesso em: 16 maio 2022.

PLURAL, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.19.2, 2012, pp.69-82.

SAUER, Sérgio; PEREIRA, João Márcio Mendes. **CAPTURANDO A TERRA: banco mundial, políticas fundiárias neoliberais e reforma agrária de mercado.** São Paulo: **Expressão Popular**, 2006. 352 p. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/geac/portal/wp-content/uploads/2015/01/capturando-a-terra-LIVRO.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021

SANTOS, Patrícia. **Agronegócio e controle de terras por agentes estrangeiros no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: o grupo bunge açúcar e bioenergia.** 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://1library.org/document/y657njoz-agronegocio-controle-estrangeiros-triangulo-mineiro-paranaiba-acucar-bioenergia.html>. Acesso em: 31 jul. 2021

SANTOS, Janio Ribeiro dos. **DA EDUCAÇÃO RURAL À EDUCAÇÃO DO CAMPO: um enfoque sobre as classes multisseriadas.** 2010. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/educacao-no-campo/da-educacao-rural-a-educacao-do-campo-um-enfoque.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SILVA, Tereza Jesus da. **AGRICULTURA CAMPONESA: a produção e comercialização dos produtos agrícolas no município de Jangada-MT.** 2014. 53 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação do Campo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9981/1/2014\\_TerezaJesusDaSilva.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9981/1/2014_TerezaJesusDaSilva.pdf). Acesso em: 17 nov. 2021.

SILVA, Francisca Eliana Santos da. **A “PEDAGOGIA” DA FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel-CE.** 2014. 100 f. (Dissertação Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. **A teia da Feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia.** 2010. 254 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador-Ba, 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11114/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O\\_A%20TEIA%20DA%20FEIRA\\_M%c3%81RCIO%20NICORY\\_2010.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11114/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_A%20TEIA%20DA%20FEIRA_M%c3%81RCIO%20NICORY_2010.pdf). Acesso em: 19 out. 2022

SOUZA, Caroline Rezende de. **AS FEIRAS LIVRES COMO LUGARES DE PRODUÇÃO COTIDIANA DE SABERES DO TRABALHO E EDUCAÇÃO POPULAR NAS CIDADES: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação.** 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/9597>. Acesso em: 27 abr. 2021.

WAQUIL, Paulo Dabdab; MIELE, Marcelo; SCHULTZ, Glauco. **Mercados e Comercialização de Produtos Agrícolas.** Porto Alegre: UFRGS, 2010. 76 p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56447/000784016.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 nov. 2021.

## APÊNDICE

### APÊNDICE I: QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DE CAMPO

Levantamento de informações que serão utilizadas para a pesquisa “A Produção de Alimentos em Penedo (AL) a partir da Feira Livre: a dinâmica agrícola sob a relação campo-cidade”.

Nome: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Número da entrevista: \_\_\_\_\_ Sexo: ( )M ( )F

Quais são os (5) principais produtos alimentícios mais vendidos na sua banca?

\_\_\_\_\_

Você produz ou compra para revender esses produtos?

\_\_\_\_\_

A maioria de seus produtos vem de qual origem:

( ) Cooperativa \_\_\_\_\_.

( ) Associação \_\_\_\_\_.

( ) Empresa \_\_\_\_\_.

( ) Agricultor Familiar/Pequeno Produtor/Camponês (individual).

( ) Grande Produtor.

( ) Atravessador.

( ) Outro. \_\_\_\_\_

Onde são produzidos? (localidade: povoado, município e estado)

\_\_\_\_\_

Além dessa feira, quais localidades vende seus produtos?

\_\_\_\_\_

Outras observações

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_